

Aluna: Leticia Carvalho Colantuono

Número USP: 8670910

Curso: Administração – FEA USP

ENSAIO 1

Temas e Prática em Relações Internacionais - 2018

1. Introdução

O método de avaliação desta disciplina, baseado em ensaios referentes aos temas expostos nas palestras, impactou-me pela escolha do gênero textual. Afinal, o que é e como se escreve um ensaio?

A partir das orientações disponibilizadas no Moodle, pouco específicas quanto à forma esperada do texto, vislumbrei dois caminhos distintos: seguir para a leitura dos melhores ensaios dos anos anteriores e, deles, tomar um padrão; ou interpretar de forma pessoal as poucas regras impostas.

Busquei o primeiro caminho. Rendi-me à leitura de textos de outros alunos, na tentativa de identificar um padrão e, assim, corresponder às expectativas dos avaliadores. Acredito que obtive sucesso: há tendências que indicam, de fato, um paradigma.

Entretanto, como prega a ciência econômica no âmbito da tomada de decisões, as pessoas respondem a incentivos. Quais seriam os benefícios de seguir o padrão identificado? Alcançar uma nota satisfatória, no mínimo. Ter o ensaio publicado como um dos melhores de 2018, no máximo. Contudo, quais seriam os custos? Por que, com tantas mensagens claras de chamada à ação, dadas principal e repetidamente pelo Professor Marcovitch, eu deveria sujeitar-me ao padrão, desrespeitando meus impulsos? Por que, se os avaliadores fizeram a escolha de um “gênero textual aberto a novas possibilidades” (1), eu deveria escrever aos moldes acadêmicos do artigo científico, perdendo tamanha oportunidade?

Assim, sigo pelo segundo caminho. Escrevo em primeira pessoa, talvez mais para mim que para meus avaliadores, sem grandes pretensões, desafiando-me a retratar, de forma fidedigna, minha relação com os temas e a inspiração que a disciplina tem me despertado nestes últimos meses.

2. Apresentação (02 ago. 2018)

Em 2 de agosto, assisti à apresentação da disciplina, feita pelos professores Jacques Marcovitch, Pedro Dallari e Carlos Eduardo L. da Silva. Não busco, aqui, a repetição do que foi exposto: o título desta seção refere-se tanto à aula quanto a mim mesma e a este ensaio.

Nesta aula, nós, alunos, fomos incentivados a responder às questões: “quem sou eu?”, “o que espero desta disciplina?” e “como contribuo para um mundo melhor?”, e discuti-las com um colega próximo. Quando iniciei a conversa com o rapaz ao meu lado, não pude conter minha surpresa ao ouvi-lo dizer que era mexicano, estudante de intercâmbio na USP. Esta feliz coincidência, associada às falas dos professores, influenciou minha resposta à segunda questão. Espero, desta disciplina, a possibilidade de expansão de meus conhecimentos sobre o mundo, não apenas pelo meu olhar, mas também por meio da reflexão proporcionada pela interação com os participantes das aulas, sejam eles professores, palestrantes ou alunos.

Responder quem se é, como proposto pela primeira questão, parece complexo, mas cabe aqui uma tentativa. Sou neta de italianos e cresci no extremo da Zona Leste paulistana, sabendo que, apesar de meus avós terem sido duramente explorados enquanto imigrantes, minhas condições foram muito superiores às de muitos vizinhos e colegas de infância. Feminista, trabalhei como modelo e vi, entre tantas coisas, garotas abdicando de educação e saúde pela promessa do sucesso internacional. Aluna do segundo ano de Administração na FEA, ex-aluna de Engenharia Elétrica na Poli, fui diretora de Eventos e conselheira da Poli Social. Bolsista do Programa de Educação Tutorial de Administração (PET ADM) da FEA USP, fui co-líder da II Feira de Intercâmbio da FEA e sou líder da Coordenadoria de Marketing. Esta é a bagagem (com suas limitações) que trago para a disciplina e, assim, para este ensaio.

Quanto à última questão, digo que busco minha própria formação de maneira intensa, de modo a tornar-me capaz e capacitada para a extensão de conhecimentos para outras pessoas; para a compreensão dos impactos das minhas ações, em busca da melhoria contínua; e para a realização de projetos transformadores, em diversos âmbitos. É por meio destes propósitos que tento ser agente da mudança e construir meu projeto de vida significativa, ainda incerto, mas sempre aberto a reinvenções e às oportunidades e aos aprendizados que a teoria e a prática me proporcionarem.

3. O Brasil no futuro do mundo (09 ago. 2018)

A segunda aula foi, para mim, de grande impacto motivacional. A apresentação dos conceitos básicos para o acompanhamento da disciplina foi seguida por um convite não somente

à reflexão, mas, principalmente, à ação. Gostaria, dentre todos os pontos expostos pelo Prof. Marcovitch, de ressaltar o que ele chama de “consciência dos riscos”.

Como futura administradora, fiquei especialmente instigada com esta ideia. Se, diante do risco, o custo da inação é maior que o custo da ação, parece lógico que as organizações de toda espécie sejam agentes ativas. Por que, então, isso parece não ocorrer?

Nas palavras do Prof. Leonardo Augusto V. Gomes, do qual sou aluna no presente semestre, um dos desafios do gestor é agir contrariando sua intuição. Um risco é definido, segundo o Prof. Marcovitch, como “possibilidade de ocorrer um acontecimento futuro e incerto”. Voltemos ao questionamento do parágrafo anterior. Intuitivamente, levei-me a crer que os riscos fossem sempre identificáveis e a inação fosse uma expressão de negligência. Mas, se isso fosse verdade, eu sempre estaria atenta a todos os riscos a que me exponho ao caminhar por calçadas, o que não acontece. Às vezes, caminho por locais tão conhecidos e cotidianos, que me permito a dispersão de pensamentos e o olhar despreocupado ao meu redor. Em situações assim, o risco é desconhecido, imprevisível e variado. Portanto, é de difícil identificação.

Uma organização, um Estado ou uma instituição poderiam, da mesma forma, caminhar por calçadas tão familiares a ponto de não terem consciência dos riscos ao seu redor. A inação pode ocorrer não por negligência, mas por falta do olhar aguçado e atento. Isso resultaria, baseando-me em ideias de Daniel Kahneman, conforme leitura complementar disponibilizada, na priorização do sistema 1, rápido, em detrimento do sistema 2, de maior concentração; ou seja, na tomada de medidas urgentes e remediadoras em vez de medidas relevantes de precaução.

O olhar aguçado, assim, parece ser essencial para que se consiga sair do caminhar automático e agir contra o senso comum. A consciência dos riscos está, assim, intimamente relacionada à ação contra a intuição: uma precisa da outra para acontecer. Um gestor não é capaz de prever o futuro, mas é capaz de construí-lo em vez de aguardá-lo: agindo.

4. Origens e características das organizações internacionais (16 ago. 2018)

A exposição do Prof. Dallari, adensada por conceitos e fatos históricos, foi essencial para a compreensão das duas aulas seguintes. Um dos temas por ele apresentado foi a governança global, extremamente relevante para a Administração contemporânea.

A transparência e a ética têm sido, felizmente, muito cobradas das organizações e dos governos. A governança surge para suprir às demandas por melhores práticas e jeitos de fazer. É preciso não apenas apresentar resultados, mas também um *modus operandi* satisfatório (2).

O mundo globalizado, em que a Internet se fez ubíqua e as informações são disponíveis e acessíveis, proporciona às pessoas grande facilidade de acompanhamento dos dizeres e ações das organizações. Sob o ponto de vista do Marketing, área sobre a qual tenho realizado pesquisa acadêmica, é possível afirmar que a oposição à hipocrisia e a adoção de práticas de governança representam uma grande oportunidade de posicionamento perante o público, seja ele qual for (pessoas ou Estados).

À primeira vista, a comparação entre o Marketing e as Relações Internacionais pode parecer ingênua. Contudo, sua validação pode estar no fato de que ambos abordam competição e cooperação entre organizações. Nestes contextos, a imagem de uma organização pode somar ou subtrair ao seu valor percebido, fazendo do posicionamento uma questão essencial. Para o marketing empresarial como para a geopolítica mundial, a forma importa.

5. Geopolítica: tendências e perspectivas (23 ago. 2018)

O Prof. Carlos Eduardo L. Silva ofereceu complemento e contraposição ao Prof. Dallari. Se, por um lado, confirmam-se as tendências por políticas e regras em nível global, por outro, manifestam-se contradições personificadas em líderes extremistas.

Como dito, em geopolítica, a forma importa. O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, parece não ser capaz de assimilar esta ideia. Suas ações, muitas vezes confusas, traduzem as intenções de priorizar os interesses econômicos dos Estados Unidos e agradar sua base aliada. Em tempos de eleições presidenciais, cujos candidatos detêm elevados índices de rejeição (3), o Brasil corre o risco de enfrentar um futuro semelhante. Estaria o povo brasileiro falhando pela inação ou pela falta de olhar aguçado sobre os riscos?

Observo, entretanto, uma situação distinta: há consciência dos riscos, por parte significativa do eleitorado, da subida ao poder dos candidatos mais bem colocados nas pesquisas pré-eleitorais. Não há, porém, o óbvio vislumbre de uma solução para a mitigação destes riscos. Parece-me que, mesmo com as lições da História, ainda não aprendemos a impedir a alienação imposta pelos líderes populistas.

Enquanto isso, Estados Unidos (em meio ao questionamento de sua supremacia) e Brasil (imerso na expansão dos BRICS) enfrentam, de maneiras distintas, porém altamente significativas, as incertezas impostas pelo destaque de Rússia e China como grandes agentes na

geopolítica mundial, além do crescimento do bilateralismo sobre o multilateralismo. Ainda, as mensagens do Prof. Silva, bem como dos professores Dallari e Marcovitch algumas semanas antes, foram claras: ideias extremistas (e seus líderes *outsiders*) são antes frutos que causadores de incertezas.

6. Política e direito: tendências e perspectivas (30 ago. 2018)

Nesta aula, o Prof. Dallari reforçou as tendências pela uniformização global da normatização: como tratar juridicamente questões transnacionais se o Direito é nacional? A contraposição por ele explicitada, entre a fragmentação política mundial e a harmonização normativa, é uma das maiores ilustrações do mundo em transformação que esta disciplina buscou retratar. Se, como propôs o Prof. Marcovitch anteriormente, somos todos imigrantes nesta nova era global, em que a tecnologia e o avanço científico incrementam a integração internacional, parece urgente que se responda à questão anterior.

Ainda, o caminho para a uniformização tem-se revelado importante também em outros âmbitos. Os grandes rankings internacionais de Universidades, como o proposto pela Times Higher Education (4), mostram as disparidades no ensino superior mundial. Estas são vistas, também, nas estruturas dos cursos e suas formas de admissão e avaliação, que me foram evidenciadas por meio de conversas com alunos brasileiros que fizeram intercâmbio e alunos estrangeiros no Brasil. Ademais, como pontuado pela Profa. Thais S. Menezes em aula posterior, dificuldades na revalidação de diplomas estrangeiros também apontam para a necessidade de padronizações na governança universitária em nível mundial.

7. Fronteiras da Ciência e seus Impactos (13 set. 2018)

Se há urgência pela uniformização no ensino superior mundial, também o há, ainda que de maneira distinta, para as pesquisas científicas brasileiras. O Prof. Carlos Henrique B. Cruz ofereceu sua visão sobre os temas relevantes para a evolução da Ciência nos campos do conhecimento referentes à Vida, ao Universo e à Sociedade. Aqui, ofereço meu questionamento, como aluna e observadora de Iniciação Científica na USP: estariam os jovens pesquisadores brasileiros cientes da necessidade de continuidade das pesquisas?

Explico. Muito esforço há na condução de projetos de pesquisa pioneiros, que tenham potencial de impacto. Em meio ao acontecimento do 26º SIICUSP (5), é justo mencionar que os temas são realmente inovadores. Porém, em alguns campos, a individualidade dos pesquisadores na busca pelo reconhecimento sobrepõe-se à necessidade de aperfeiçoamento e

melhoria de pesquisas já iniciadas. Se o caminho é novo, é atrativo; se já há uma trilha, mesmo que rudimentar e ainda parcialmente coberta por obstáculos, o novo pesquisador parece não ver nela grande valor de exploração. No Marketing infantil, por exemplo, campo que tenho pesquisado nos últimos tempos, “a força da pesquisa depende da união de esforços da própria comunidade discursiva para que haja audiência, fortalecimento metodológico, desenvolvimento teórico e resultados de impacto social e prático” (6). É preciso, assim, que haja uniformização de esforços de pesquisa, de modo coletivo, entre os novos pesquisadores brasileiros.

8. Tendências Demográficas e Migrações (20 set. 2018)

Se esta disciplina, no presente ano, propõe-se a provocar os alunos no questionamento de “desafios e tendências no mundo em transformação”, a exposição da Profa. Menezes não poderia deixar de ocorrer, pelo seu alto potencial de exemplificação.

A migração e o refúgio, associados às dificuldades da xenofobia e da intolerância, ilustram brilhantemente os desafios da contemporaneidade. Analogamente, para as tendências, há a necessidade da uniformização diretiva, como já exposto. O que se observa, no Brasil, na intersecção entre os assuntos, é a necessidade de políticas de inserção consolidadas.

A exposição de Stéphane Larue, Cônsul-Geral do Canadá em São Paulo, em vídeo disponibilizado por esta disciplina como complemento à aula, demonstra a experiência daquele país quanto a essas políticas. Segundo Larue, há três pilares para a migração no Canadá: econômica; familiar e de refúgio. O equilíbrio entre eles é a essência da aceitação, por parte da população nativa, às políticas que facilitam a integração dos estrangeiros no país. No Brasil, um dos maiores desafios é a falta de flexibilidade constitucional para a adoção de tais políticas. A partir desta visão do Cônsul, com a qual compactuo, é possível afirmar que a burocracia legislativa brasileira oferece barreiras ao rápido reposicionamento governamental, diante das rápidas transformações que estão ocorrendo no cenário mundial.

9. Tendências Econômicas e Investimentos Diretos no Brasil (27 set. 2018)

A última apresentação do bimestre, ministrada por Julyana Yokota, trouxe outro vislumbre da prática: quais são os impactos econômico-financeiros das tendências geopolíticas mundiais?

Aqui, novamente, vemos a importância da forma. Os ratings de crédito, ao levarem em consideração as práticas de governança, por exemplo, a confirmam. Incertezas representam risco aos investimentos, afastando-os. Como bem colocado pelo comentário do Prof.

Marcovitch, os ratings refletem os países mais desenvolvidos como bons pagadores, atraindo investimentos para onde há maior abundância de recursos financeiros, em detrimento dos países realmente necessitados.

Em tempo, as incertezas dessas e nessas eleições presidenciais muito têm a influenciar o rating brasileiro. Para a S&P Global de Julyana, “há muito a ser feito na agenda do novo presidente e isso pode afetar diretamente a nota de crédito do país”, já visto pelos investidores como “frágil e volátil, o que deve causar eventuais episódios de fuga de capitais” (7).

10. Conclusões

Neste primeiro ensaio, minha preocupação se deu sobre o apresentar e o introduzir, acima do concluir. Alguns comentários, porém, são pertinentes para este momento.

Tem ficado claro, para mim, que, dentre os objetivos desta disciplina, figuram formar e informar os alunos, proporcionando-lhes ponto de partida para teoria e prática em suas próprias vidas. É um breve insumo para o tal projeto de vida significativa.

Quanto aos temas, é nítido que estamos em tempos de incertezas. Às vésperas das eleições, nos resta aguardar os resultados para voltar a refletir sobre tendências e riscos para o Brasil. Apenas torço para que façamos nosso melhor.

11. Referências

- (1) <https://www.ucs.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/arquivos/o_ensai_o_como_genero_textual.pdf>. Acesso em: 02 out. 2018.
- (2) <https://social.stoa.usp.br/articles/0016/1432/GovernanA_a100913.pdf>. Acesso em: 03 out. 2018.
- (3) <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/07/politica/1530914654_282726.html>. Acesso em: 03 out. 2018.
- (4) <https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/2019/world-ranking#!/page/0/length/25/sort_by/rank/sort_order/asc/cols/stats>. Acesso em: 03 out. 2018.
- (5) <<http://siicusp.prp.usp.br/pt/programacao/>>. Acesso em: 03 out. 2018.
- (6) <https://doi.org/10.21714/2018_v8i136245>. Acesso em: jul. 2018.
- (7) <<https://www1.folha.uol.com.br/amp/mercado/2018/10/bolsonaro-e-outsider-e-eleva-risco-relativo-a-agenda-economica-diz-sp.shtml>>. Acesso em: 03 out. 2018